

Contexto e Requisitos do Perdão: Do Perdão Religioso ao Pré-perdão Assistencial

The Context and Requisites of Forgiving: Of Religious Forgiving to Assistential Preforgiving

Contexto y Requisitos del Perdón: del Perdón Religioso para el Pre-perdón Asistencial

Guilherme Montenegro*

* Advogado. Voluntário da Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC).

guihmontenegro@gmail.com

Palavras-chave

Despeticidade
Religião
Vingança

Keywords

Permaninfreeness
Religion
Revenge

Palabras-clave

Despeticidad
Religión
Venganza

Resumo:

O presente trabalho, fruto de autopesquisas, analisa o ato de perdoar, estudando seu contexto por meio de viés bioenergético, holossomático e multiexistencial. O objetivo é procurar esclarecer as consequências tanto do perdão quanto de sua omissão, enfrentando as críticas usualmente apresentadas contra quem perdoa e distinguindo o perdão maduro do perdão de bases religiosas. Por fim, examina a técnica avançada do pré-perdão, elaborando hipóteses sobre seus requisitos e extraindo conclusões sobre eventuais condicionantes do perdão.

Abstract:

The present work, fruit of self-research, examines the act of forgiving, studying its context through bioenergetic, holosomatic and multiexistential approaches. The goal is to seek to clarify the consequences of both forgiving and when it is lacking, facing the criticisms usually filed against those who forgive and distinguishing mature forgiving from forgiving based on religious foundations. Finally, it examines the advanced technique of preforgiving, making hypotheses about its requirements and drawing conclusions about possible conditionings of forgiving.

Resumen:

El presente trabajo, fruto de autoinvestigaciones, analiza el acto de perdonar a través del estudio del contexto, mediante el viés bioenergético, holosomático y multiexistencial. El objetivo es buscar esclarecer las consecuencias tanto del perdón cuanto de su omisión, enfrentando las críticas usualmente presentadas contra quien perdona y distinguiendo el perdón maduro del perdón con bases religiosas. Finalmente, examina la técnica avanzada del pre-perdón, elaborando hipótesis sobre sus requisitos y extrayendo de ahí conclusiones sobre eventuales condicionantes del perdón.

Artigo recebido em: 02.10.2015.

Aprovado para publicação em: 25.08.2016.

INTRODUÇÃO

Tema. O presente artigo aborda temática relativa ao perdão, analisando seu contexto, críticas, o perdão de bases religiosas e, por fim, o pré-perdão assistencial.

Objetivo. Busca-se analisar o que envolve a decisão de perdoar e quais as consequências nas inter-relações, de modo a aclarar a responsabilidade pessoal de cada consciência envolvida em situações conflituosas.

Motivo. O que motivou o autor pesquisar o tema foi a convergência de duas situações: 1. Reciclagem de traços conscienciais relacionados à segurança íntima e autenticidade, que se verifica se relacionam diretamente ao tema; 2. Vivência de situações conflituosas, as quais propiciaram maiores autorreflexões sobre o ato de perdoar.

Metodologia. A investigação do tema ocorreu principalmente através das reflexões pessoais realizadas sobre as próprias vivências, seja na rotina diária ou na tenepes. Amparou-se também na leitura de literatura especializada e participação em cursos.

Estrutura. O desenvolvimento do artigo está dividido em quatro seções: 1. Conceituação. 2. Contexto. 3. Análise crítica. 4. Pré-perdão assistencial.

I. CONCEITUAÇÃO

Definição. Em linhas gerais, o *perdão* é compreendido como decisão íntima através da qual a vítima/ofendido *libera* o algoz/ofensor de débito contraído.

Violência. Dessa maneira, observa-se que o perdão, em geral, pressupõe ação anterior, uma violência ou ofensa, capaz de originar relação interpessoal de crédito-débito entre a vítima e o algoz.

Relação. A vítima reivindica algo, geralmente que o algoz passe exatamente pelo que ela passou, buscando, assim, supostamente reestabelecer equilíbrio anterior entre os dois – *status quo ante*.

Extinção. O perdão é o ato mediante o qual a vítima extirpa de seu íntimo essa atitude de vingança, de cobrar pela agressão sofrida, renunciando ao seu suposto crédito em face do algoz. *Contrario sensu*, não perdoar é cobrar, reivindicar, assumir a vingança.

Escopo. É possível empregar o termo *perdão* com outras acepções, por exemplo, sobre dívida financeira, em que o perdão é simplesmente uma forma de extinção da dívida, sem haver qualquer emoção patológica envolvida. Todavia, para fins do presente trabalho, restringiu-se o termo *perdão* apenas para cobranças patológicas geradas por alguma ofensa, independente de sua origem.

Etimologia. O termo *perdão* procede do idioma Latim, *perdonet*, “que perdoe”, derivado do verbo *perdonare*, “perdoar”. Apareceu no Século XIII.

Confluência. Esclarecendo o conceito, eis, na visão do autor, as principais ideias correlatas ao perdão, as quais serão tratadas no decorrer do artigo: 1. Autodesassédio; 2. Liberdade; e 3. Assistencialidade.

Distância. Por outro lado, afastam-se da noção de perdão as seguintes: 1. Heteroassédio; 2. Rigidez; e 3. Egoísmo.

Análise. Entendido o conceito, passa-se agora à tarefa de analisá-lo, questionando seus elementos, verificando se corresponde com a realidade íntima do leitor-pesquisador e, por fim, extraindo reflexões.

II. CONTEXTO

Elementos. Esta seção trata dos elementos que compõem a definição apresentada, os quais representam o contexto ou as fases que antecedem e justificam o perdão: 1. *Violência anterior*; 2. *Relação de débito-crédito*; 3. *Vingança*; e 4. *Liberação (perdão)*.

Questionamentos. Em vez de discorrer sobre cada uma dessas fases, foram propostos, na condição de técnica didática, questionamentos para o leitor-pesquisador. Busca-se proporcionar momento de reflexão e autopesquisa para os interessados no perdão, consciências que porventura se encontrem ligadas a alguém em razão de malfeitos sofridos. Para os leitores que não se encontram nessa situação, aqueles que sinceramente não guardam mágoa, raiva ou aversão em relação a ninguém, espera-se que o texto contribua na ampliação das pesquisas pessoais.

VIOLÊNCIA ANTERIOR

Questionamentos: Fui realmente vítima de ato anticosmoético? Houve sincera má intenção? O que provocou ou quais os atos que me levaram a sofrer tal agressão? Qual a minha responsabilidade nesse ato? Compreendo que minhas emoções em relação à agressão são produzidas por mim mesmo, isto é, não decorrem automaticamente de ato externo?

RELAÇÃO DE DÉBITO-CRÉDITO

Questionamentos: Qual a minha relação com o algoz? Essa relação de débito-crédito perdura por quantas vidas? Já influenciei anticosmoeticamente essa consciência que me prejudicou? Qual a minha responsabilidade nessa relação?

VINGANÇA

Questionamentos: Reconheço que pensamentos vingativos veiculam energias tóxicas que afetam negativamente tanto o holossoma do emissor quanto do receptor? Estou ciente de que não perdoar é decidir por permanecer vinculado a contexto patológico, assediando o algoz? Ainda defendo que determinadas pessoas não merecem ser perdoadas? Mantenho-me na condição de vítima para fazer com que o outro se sinta culpado, para fazer com que aprenda por meio de manipulação? Compreendo que a vingança não reestabelece o *status quo ante*, apenas aprofunda a interprisão grupocármica?

LIBERAÇÃO (PERDÃO)

Questionamentos: Condiciono o perdão a um ato prévio, por exemplo, pedido de desculpas; cicatrização da ferida, ou ao sofrimento do algoz? Ainda preciso entender a situação para apenas depois perdoar? Ainda relaciono o perdão ao esquecimento do ato anticosmoético? Já percebo que no perdão a libertação maior é de quem perdoa?

Abordagem. Os questionamentos formulados ampliam a definição proposta, trazendo à reflexão abordagens bioenergética, holossomática e multiexistencial. Busca-se esclarecer a responsabilidade pessoal, presente em todos os contextos, mesmo para a consciência que se acha na posição de vítima.

Vitimologia. Entretanto, haveria mesmo uma vítima?

Dinâmica. Diante de relação interpessoal patológica, contaminada por pensenes tóxicos, verifica-se o processo, ainda comum, de ambas as partes, de alternarem dinamicamente a condição de vítima e de algoz. Sucodem-se posteriores *pensenes* baratroféricos, *falas* patológicas e até novas *ações* anticosmoéticas, seja por parte da suposta vítima, seja por parte do suposto algoz, demonstrando, *em geral*, que a *santa* vítima não é tão *santa* assim.

Exemplo. Situação corriqueira que ilustra esse processo de agressão mútua ocorre quando as consciências envolvidas estão em ambientes diferentes, geograficamente separadas: uma das consciências evoca a outra, coloca-a como foco de sua atenção, e passa a enxovalhá-la com os piores insultos e ataques; tais pensamentos são armas e realmente afetam a consciência-alvo, que, por sua vez, rememora suas antipatias e passa a revidar mentalmente todas as injúrias recebidas. *Mesmo inconscientemente, ambas as partes são atualiza-*

das do que pensa a outra, o que, na infeliz lógica da Baratrosfera, legitima futuros ataques e crescente separação e desconfiança¹.

Perdão. Nessa turbulência energética, o perdão é o momento *divisor de águas*, em que a pessoa mais lúcida decide por dar um basta nos *penseões, falas e atos* agressivos. Pouco importa se a outra consciência concordará. Perdão é ato unilateral, que não depende de concordância alheia.

Assistência. Entretanto, por mais que o perdão fulgure como momento de grande lucidez nesse cenário sombrio, é apenas o início dentro do *curso grupocármico*². No contexto da *lei da inseparabilidade grupocármica*, não basta perdoar, é preciso assistir (Balona, 2004, p. 119).

Autoridade. A assistência realizada às consciências conhecidas do passado e aos cobradores do presente é sinal de maturidade, na qual o assistente deixa as próprias reivindicações de lado e passa a atender aos outros, resultando na conquista de *autoridade moral*, espécie de blindagem contra as ofensivas alheias.

Ambiente. No exemplo anteriormente dado, em que ambos se digladiavam, caso um deles decida pelo perdão, não revidando os ataques, não haverá mais a distorcida legitimação para as futuras agressões. Nesse caso, uma vez que o perdoador decida por exteriorizar as melhores energias para o agressor (assistência), este ficará cada vez mais sem ambiente para perpetrar seus insultos.

Providência. Nesse sentido, é relevante aplicar o seguinte exercício, recomendado para obter a condição de epicentro consciencial e também sugerido nas práticas da tenepes como providência das mais evoluídas:

“Você anatomiza e recompõe, ao fim de cada dia, em severo exame autocrítico, as oportunidades existenciais para a implantação do epicentrismo consciencial que você recebeu, utilizou ou desperdiçou nas últimas 24 horas; revendo, em sua tela mental, a imagem de toda pessoa com quem você se relacionou e tenha agido menos corretamente, ou gerado alguma incompreensão quanto aos seus objetivos nas tarefas do esclarecimento; emoldurando o rosto de cada destes seres humanos em um halo de ECs maxifraternistas de sincera bem-aventurança para elas mesmas” (Vieira, 2013, p. 735).

Técnica. Vale também considerar a aplicação da *Técnica da Atribuição de 3 Qualidades (Valorização do Assistido)*, a qual trata da correção de pensamentos desfavoráveis em relação à outra pessoa (ortopensividade), buscando a evocação pelo menos em 3 qualidades da consciência evocada, a ser potencializada por meio do trabalho energético. De maneira profilática, a autora registra a seguinte advertência: *Encare a não identificação desses três talentos como autocorrupção franca* (Balona, 2004, p. 203 e 204).

Maniqueísmo. Em matéria de relacionamentos interconscienciais, sejam eles conflitivos ou não, importa sempre considerar a *Técnica da admiração-discordância*, pois assim como não aparenta existir perfeição nesta dimensão, também não se encontrará consciência composta apenas de *traços-fardo*. Assim, independente das condutas já perpetradas, importante lembrar que as consciências são dinâmicas, sempre em evolução. Análises maniqueístas, tipicamente radicais e superficiais, dificultam o reconhecimento dos *traços-força* alheios, atrapalhando o perdão.

Resultados. Para o autor deste artigo, o resultado da aplicação dessas técnicas é a assunção de responsabilidade pessoal. A conscin interessada deixa a postura de vítima e passa a agir de maneira construtiva perante o contexto, higienizando a psicofera pessoal, aumentando seu nível de lucidez, observando as próprias imaturidades cometidas e auxiliando a consciência envolvida através das energias. Frise-se que o objetivo não é se livrar da pessoa, mas assisti-la segundo o princípio *que aconteça o melhor para todos*.

Sincronicidade. Outro resultado curioso da aplicação das técnicas supramencionadas, vivenciado pelo autor, mais de uma vez, é as sincronicidades, permitindo inevitáveis e importantes momentos *cara a cara* entre vítima e algoz, oportunidade de assistência e reflexão sobre a lei da inseparabilidade grupocármica.

Momento. Entretanto, se mesmo após a decisão de perdoar ainda ocorrer processo de evocação negativa do algoz, é de se questionar se realmente houve perdão. Nesse ponto, pertinente levantar hipóteses aptas a responder a seguinte pergunta: *Quando o perdão realmente ocorre?*

Reações. Na avaliação do autor, o perdão é efetivo quando a lembrança da situação ou o encontro com o algoz não desperta reações psicossomáticas similares a medo, raiva, aversão, nojo, angústia etc. Tais reações demonstram que a(s) ofensa(s) ainda domina(m) a intraconsciencialidade da vítima. Considera-se que somos responsáveis tanto pelo que *pensamos* quanto pelo que *sentimos*. Perdoar é abrir mão da cobrança por essas injúrias, para sempre.

Aprendizado. De outro ângulo, a reminiscência de reações psicossomáticas demonstra haver aprendizado a ser realizado pelo *Homo sapiens perdonator*. Nesse momento, é relevante voltar a atenção para a intraconsciencialidade, refletir sobre o motivo do ressentimento e diagnosticar quais as reciclagens necessárias para sobrepairar à situação. O exemplo, a seguir, poderá auxiliar no esclarecimento.

Exemplo. O autor se viu em longa relação de intrusão e dependência perante determinada conscin, dando a ela liberdade para rotineiramente compartilhar reclamações, fofocas e intrigas. Após 2,5 anos de acumpliciamento e vampirização, fatos subestimados até aquele momento, aconteceu episódio em que as ofensas e intrigas rotineiras foram inesperadamente direcionadas para este autor. Tal ocorrência soou como grande insulto, fato marcante que finalmente despertou a autocrítica para a situação, concluindo pelo necessário afastamento diplomático da consciência em questão: redução do relacionamento a apenas cumprimentos.

Reflexos. Entretanto, essa medida cirúrgica gerou antipatia da conscin, exteriorizada por meio de ataques energéticos e o ato de *virar a cara*. Em vista disso, o autor aplicou as técnicas anteriormente descritas, mas ainda se surpreendia reagindo mediante culpa, medo e aversão quando pensava em encontrar com a conscin em questão. Tal ligação energética só foi efetivamente interrompida quatro meses após o afastamento, e isso após compreender a responsabilidade pessoal perante o caso (aprendizagem): na medida em que fazia média, agradava e era bem considerado, consentia com ofensas, submissão e ambiente para intrigas, as quais finalmente o atingiram.

Resultado. Ao final, ficou a seguinte autorreflexão: a ofensa recebida foi, na verdade, benção, pois permitiu a extinção de acumpliciamentos anticosmoéticos e vampirização; mais do que perdoar, este autor deveria agradecer pelo ultraje, o qual lhe abriu os olhos. Findo o período de turbulência e extirpada toda submissão, houve processo cauteloso de reaproximação, atento para evitar toda possibilidade de acumpliciamento anticosmoético.

Críticas. Entretanto, questiona-se: seria o perdão sempre a melhor forma de agir? Haveria exceções a essa conduta? O próximo tópico apresenta estudo sobre as críticas ao perdão e o perdão de bases religiosas.

III. ANÁLISE CRÍTICA

Entendimentos. Há quem interprete o perdão como sinônimo de conveniência, submissão, humilhação, fraqueza, masoquismo, mau exemplo, carta branca para novas agressões etc. Expõe-se, a seguir, na ordem de autorreflexão do autor, o conteúdo de 3 dessas ideias para análise crítica:

1. Perdoar quem errou é ser injusto com quem não errou.

Considerações. Perdão é ato unilateral, em que o ofendido renuncia aos *atos*, *verbos* e *pensenes* vingativos. Logo, o pensamento de que o perdão traria como consequência a impunidade revela que se defende o direito de se vingar, o desvairado direito de assediar, de *fazer pagar pelo que fez*. Ademais, a consciência que

não admite a possibilidade de perdão parece ter interesse ou gosto na manutenção de conflitos, conduta beligerante.

2. Perdoar é preparar o caminho para novas ofensas.

Considerações. Perdão e assistência são atividades complementares. Primeiramente, a vítima renuncia a postura de vingança (perdão), após, aplica estratégia benfazeja perante o algoz (assistência). Desde que realizadas com discernimento, ambas as atividades podem desconstruir o holoprensene nosográfico instalado, evitando novas ofensas e conflitos. Estratégia oposta, de não perdoar para supostamente ensinar o algoz sobre seus erros, revela prepotência e infantilidade (birra; bico) do pretense educador, podendo inclusive agravar a situação. Vale sempre recorrer à criatividade e aos *insights* de amparadores, buscando as melhores soluções assistenciais para o conflito instaurado.

3. Perdoa-se quem nos é valioso o suficiente para aceitarmos que repita novamente o ultraje.

Considerações. Perdão não é submissão. A utilização da sujeição como saída conveniente para evitar auto e heteroenfrentamentos e manter ganhos secundários configura-se em autocorrupção crassa. É sempre interessante utilizar os percalços vivenciados como fonte de estudo pessoal: a postura de submissão influenciou o ato anticosmoético perpetrado? Estou agindo de acordo com meus princípios e valores ou estou *fazendo média*? O ideal, para o caso concreto, é relevar o erro ou denunciá-lo? É o caso de recorrer ao Poder Judiciário? Vale sempre lembrar o princípio da cosmoética destrutiva: *o que não presta não presta mesmo, não adianta fazer maquilagem.*

Críticas. Observa-se que as críticas relativas ao perdão, em sua maioria, são construídas sobre fissuras existentes na *intencionalidade* ou sobre o *resultado* do perdão.

Religião. Na visão do autor, grande parte das incompreensões relacionadas ao perdão se deve às inculcações religiosas, ainda enraizadas neste planeta. Nesse âmbito, importa avaliar se subjacente ao perdão a ser praticado não se encontram sentimentos de culpa, medo, vaidade ou, até mesmo, arrogância.

Móvel. Nesse sentido, reflete-se sobre a intencionalidade do perdão efetuado por pessoa que carrega distorções religiosas: a culpa ou o medo imposto pela noção de pecado é que a faz agir? Ou seu móvel reside nos ganhos secundários da santidade, revelando vaidade e arrogância?

Insegurança. Que os receios de não corresponder a uma imagem divina não tolham a autocrítica apta a discernir tráfegos pessoais. A segurança pessoal é o traço que permite a autoavaliação franca; a insegurança pessoal, com o local de poder externo, produz acobertamentos, autocorrupções.

Carneirismo. Os recalques e repressões gerados por dogmas, preconceitos, costumes e genuflexões multimilenares podem estar no cerne da consciência caracterizada pelos traços de insegurança e tacanhez. O “carneiro” espelha submissão, medo de desagradar, receio. Há situações em que assistência implica justamente o contrário: *agressividade sadia*; assertividade.

Mártir. Interpretar a oportunidade da vida intrafísica como culpa a ser expiada pela dor é distorção cognitiva. Que a maturidade envolvida na conduta de perdoar não se confunda com martirização.

Anacronismo. A personalidade receosa de expressar as próprias opiniões, desgostos, insatisfações apresenta medo de utilizar a agressividade sadia? Considera pecado ou teme perder o *status* de santo se desagradar alguém? Quais os pseudoganhos dessa consciência *invariavelmente* passiva e doce? Seria *vampiro energético*? Há real necessidade de utilizar tais subterfúgios na atualidade? Não seria essa a manifestação anacrônica, mecanismo de sobrevivência defasado, que agora mais atrapalha do que ajuda? O bonzinho realmente perdoa ou na verdade se submete a desmandos para não precisar enfrentar seu algoz? Acha-se superior por agir assim?

**NA BUSCA PELA ADMIRAÇÃO E PELA ADORAÇÃO,
SUPOSTAMENTE DIGNAS DE CONSCIÊNCIA SUPERIOR,
A PERSONALIDADE, SEQUIOSA POR SANTIDADE,
REVELA EGOÍSMO E MANIPULAÇÃO.**

Arrogância. A respeito das atitudes dissimuladoras da arrogância da personalidade beata, Marcelo da Luz traz os seguintes exemplos, sejam eles conscientes ou inconscientes:

“A estratégia de sempre ceder às vontades e caprichos alheios, por exemplo, esconde a arrogante atitude do indivíduo que se julga espiritual ou moralmente superior aos demais membros de seu grupo. Outra estratégia comum aos santos é a técnica da impassibilidade, quando procuram simplesmente sobrepassar as trivialidades do cotidiano, mantendo sempre o mesmo tom de voz e os gestos contidos, a fim de reduzir os outros à insignificância” (Luz, 2011, p. 162).

Discernimento. O perdão não precisa ter conotação religiosa, vinculando-se à suposta obrigação perante determinada(s) autoridade(s) divina(s); pode ser compreendido como técnica vinculada única e exclusivamente ao discernimento da consciência interessada, sem ganhos secundários ou intenções espúrias.

Liberdade. A conquista de autonomia, de autoestima e de segurança íntima permite a sustentação dos atos perante valores e princípios pessoais, e não perante temor religioso ou *status* social. É essa liberdade, esse livre-pensar, o fundamento do perdão maduro, sem repressões ou inculcações. É difícil admitir a existência de perdão em cenário carente de liberdade.

Maturidade. Nessa senda de maturidade e liberdade, ambiente antípoda da religião, pode-se compreender o ato de *perdoar sem esquecer*³ e o afastamento interconsciencial cosmoético. Explica-se:

Afastamento. Se não há ambiente ou possibilidade assistencial, havendo, pelo contrário, ilicitudes, cabe à conscin lúcida considerar o distanciamento calculado cosmoeticamente, buscando evitar acumpliciamentos e, ao mesmo tempo, respeitar o livre arbítrio do algoz.

Memória. Além disso, após perdoar, vale preservar a lembrança dos acontecimentos, afinal: 1. Não há necessidade de reprimir internamente o abuso sofrido para arrefecer conflitos íntimos; 2. A experiência é remédio contra a ingenuidade, evitando novos erros; e 3. A lembrança dos acontecimentos pode ser utilizada, no *timing* apropriado, como ferramenta na tarefa do esclarecimento – *tares*.

Técnica. No próximo tópico, discute-se técnica avançada referente ao perdão: pré-perdão assistencial.

IV. PRÉ-PERDÃO ASSISTENCIAL

Definologia. O *pré-perdão assistencial* é a qualidade, condição ou estado do ato ou efeito, gerado pela conscin lúcida, de perdoar, relevar, desculpar e ser clemente, com racionalidade e lógica, antecipadamente, para com a falta cometida pela consciência a ser assistida” (Vieira, 2013, p. 8.703).

Cosmos. Conforme exposto, independente da conduta, atitude, falta cometida, o algoz já estará *antecipadamente* perdoado. Excluem-se quaisquer condicionantes para o perdão. Não há mais a relação de débito-crédito, *ela nem chega a existir*, a conscin lúcida, de antemão, renuncia às reivindicações, vinganças e assédios perante a totalidade de consciências do cosmos.

Método. Na autorreflexão do autor, a condição do pré-perdão assistencial é atingida através da vivência do estado vibracional (EV) profilático e das reciclagens intraconscienciais (recins), retirando eventuais brechas, fissuras, vicissitudes capazes de desestabilizar a consciência. Imagina-se que uma vez atingido esse nível de consciencialidade e domínio energético, a consciência sobrepairará eventuais insultos, agressões e outras imaturidades alheias, sem perder o foco do trabalho assistencial em desenvolvimento.

Autoimperdoador. Entende-se, assim, a razão pela qual se elenca que a condição de autoimperdoador se antepõe à condição de heteroperdoador (Vieira, 1994, p. 44). O autoenfrentamento franco, quanto às falhas pessoais, a fim de eliminar as autocorrupções, é o que capacita a conscin ao heteroperdão e ao trabalho assistencial, eliminando as imaturidades capazes de desestabilizá-la. A conscin que releva, perdoa e absolve os próprios erros, estaciona evolutivamente, aceitando cometê-los novamente.

Despeticidade. Nessa linha de pensamento, conclui-se ser a condição do pré-perdão assistencial pré-requisito para a conquista da despeticidade. É questão de lógica: quem já não padece de assédios interconscienciais (desperto) não perde tempo assediando os outros (pré-perdão); inviável outra conclusão.

Isca. Entretanto, conforme se observa da Elencologia do verbete *pré-perdão assistencial*, antes mesmo de se alcançar o patamar de 50% da Escala Evolutiva, é de se refletir até que ponto a isca humana lúcida já não manifesta pontualmente essa condição assistencial avançada.

Lucidez. Conseguir administrar a presença de consciex perturbada na psicofera pessoal, sem ficar assediado com isso, parece ser manifestação clara do perdão antecipado. Afinal, manter-se lúcido e com foco assistencial durante a iscagem implica sobrepairar os xenopenses tóxicos, mesmo quando acompanhados de repercussões físicas da patologia da consciex.

Vivência. Este autor experimentou vivência bastante didática e muito próxima da condição de pré-perdão durante projeção consciencial. Percebendo-se lúcido no próprio quarto de dormir, foi possível perceber a presença de consciência intrusa que, por motivo desconhecido, tentava atacá-lo. Entretanto, mantendo lucidez quanto à situação, este autor soube exatamente o que precisava ser feito: manter a calma e exteriorizar as melhores energias para o invasor. Essa atitude desencadeou a fúria daquela consciência, que agora voltava suas investidas contra a duplista deste autor, que dormia tranquilamente na cama. Com algum esforço e perceptível supervisão de amparador, foi possível permanecer equilibrado, sem se abalar com o que o intruso fazia, continuando no trabalho de doação fraterna de energias. O resultado da postura assistencial veio em poucos segundos: o intruso cessou os ataques, parecendo até envergonhado de sua atitude assediadora, de atacar quem procura o ajudar. Nesse momento, parece ter sido encaminhado, pois o autor não mais o percebia no quarto.

Conclusão. Dessa vivência assistencial apoiada na técnica do pré-perdão, é possível comprovar o seguinte: *não há necessidade de compreender para perdoar.*

Compreensão. Ora, se o perdão pode ser antecipado, isso significa que ele dispensa qualquer condicionante, dentre eles a compreensão. Assim, mesmo que não se compreenda as atitudes anticosmoéticas recebidas, não há razão para perder tempo assediando a consciência a ser assistida.

Mentalsoma. É óbvio que se poderá utilizar a fatuística nosográfica como fonte de estudo, buscando compreendê-la, mas isso não significa que enquanto a compreensão não ocorrer não se poderá perdoar. Muito pelo contrário, o perdão desanuvia a consciência perdoadora, ampliando suas potencialidades mentaisomáticas e, conseqüentemente, aumentando as chances de entender a situação.

Didática. Revela-se agora o recurso didático, de certa forma capcioso, utilizado no título do presente trabalho, para gerar reflexão e finalmente surpresa, objetivando marcar mnemonicamente a conclusão:

a menção aos requisitos do perdão no título, aspecto sobre o qual o leitor porventura tenha se questionado durante a leitura, é apenas uma provocação, pois, conforme se conclui, não existe requisito para o perdão, ou seja, não é preciso aguardar nenhuma condição para que se possa, racionalmente, perdoar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paradigma. Abordou-se a temática sob o viés bioenergético, holossomático e multiexistencial, concluindo pela importância do perdão, alcançado principalmente através da autopesquisa e Cosmoética. Nesse sentido, analisou-se a razão pela qual a condição de autoimperdoador se antepõe à de heteroperdoador.

Inautenticidade. Sob o viés da Cosmoética, examinou-se o perdão maduro, mentalsomático, afastando posturas de inautenticidade, repressão, manipulação ou arrogância. Refletiu-se sobre o perdão de bases religiosas para explicitar essa condição patológica.

Pré-perdão. Avançando, estudou-se a condição do pré-perdão assistencial, que antecipadamente elimina processos de raiva, mágoa e aversão, pressupostos do perdão ordinário. Através de suas características, refletiu-se sobre a manifestação do pré-perdão de acordo com a Escala Evolutiva.

Pensata. Após esse estudo, é possível ratificar a seguinte ortopensata:

* *Não existe qualquer hipótese racional para não se perdoar alguém que errou* (Vieira, 2014, p. 1.283).

A ATITUDE DE NÃO PERDOAR OU DE CONDICIONAR O PERDÃO A ALGUM ATO FUTURO OU MESMO A COM- PREENSÃO DA CONDUTA AGRESSORA É OPÇÃO PELO ASSÉDIO INTERCONSCIENCIAL FRANCO.

NOTAS

1. **Anotações pessoais; Curso 40 Manobras Energéticas; Associação Internacional de Parapsiquismo Internacional – ASSIPI**, ministrado pelo professor Mário Oliveira em Foz do Iguaçu, no período de 25.07.14 a 27.07.14.

2. **Vide Teste n. 562; Teste da Consciência Grupocármica; Tratado 700 Experimentos da Conscienciologia.**

3. **Anotações Pessoais; 86º Círculo Mentalsomático; temática: Perdão**, 23.11.13.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

1. **Balona**, Málu; **Autocura através da Reconciliação: Um Estudo Prático sobre a Afetividade**; pref. Marina Thomaz; revisores Alexander Steiner; *et al.*; 342 p.; 2 seções; 11 caps.; 18 *E-mails*; 1 entrevista; 125 expressões e ditos populares; 56 enus.; 1 foto; 6 ilus.; 1 microbiografia; 5 quadros sinópticos; 4 questionários; 2 tabs.; 17 técnicas; 5 teorias; 5 *websites*; glos. 86 termos; 1 posf.; 20 infográficos; 20 cenografias; 56 filmes; 265 refs.; 2 apênds.; alf.; 21 x 14 cm; br.; **Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC)**; Rio de Janeiro, RJ; 2004; páginas 119, 203 e 204.

2. **Luz**, Marcelo da; **Onde a Religião Termina?**; pref. Waldo Vieira; revisores; Erotildes Louly; *et al.*; 486 p.; 17 caps.; 2 apênds.; 32 enus.; 34 filmografia; 79 infografia; 2 tabs.; 571 refs.; alf.; geo.; ono.; 23 x 16 cm; enc.; **Associação Internacional Editores**; Foz do Iguaçu, PR; 2011; página 162.

3. **Vieira, Waldo; Amizade Evitável; Binômio Admiração-Discordância; Pré-perdão assistencial; Alves, Acir; Perdão irrestrito;** verbete; In: **Vieira, Waldo (org.); Enciclopédia da Conscienciologia Digital;** 11.034 p.; glos. 2.498 termos (verbetes); 192 microbiografias; 147 tabs.; 191 verbetógrafos; 8ª Ed. Digital; Versão 8.00; Associação Internacional Editares; & Associação do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2013; página 8.703.

4. **Idem; Léxico de Ortopensatas;** revisores Equipe de Revisores do Holociclo; 2 Vols.; 1.800 p.; Vols. 1 e 2; 1 blog; 652 conceitos analógicos; 22 *E-mails*; 19 enus.; 1 esquema da evolução consciencial; 17 fotos; glos. 6.476 termos; 1.811 megapensenes tri-vocabulares; 1 microbiografia; 20.800 ortopensatas; 2 tabs.; 120 técnicas lexicográficas; 19 *websites*; 28,5 x 22 x 10 cm; enc.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2014; página 1.283.

5. **Idem; Manual da Tenepes: Tarefa Energética Pessoal;** revisor Alexandre Steiner; 138 p.; 34 caps.; 147 abrevs.; 52 enus.; 1 foto; 1 microbiografia; 1 tab.; 1 teste; glos. 282 termos; 5 refs.; alf.; 21 x 14 cm; Instituto Internacional de Projeciologia (IIP); Rio de Janeiro, RJ; 1994; página 44.

6. **Idem; 700 Experimentos da Conscienciologia;** revisores Ana Maria Bonfim; Everton Santos; & Tatiana Lopes; 1.088 p.; 40 seções; 100 subseções; 700 caps.; 147 abrevs.; 1 blog; 1 cronologia; 100 datas; 20 *E-mails*; 600 enus.; 272 estrangeirismos; 1 fórmula; 1 foto; 1 microbiografia; 56 tabs.; 57 técnicas; 300 testes; 21 *websites*; glos. 280 termos; 5.116 refs.; alf.; geo.; ono.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; 3ª Ed. rev. e amp.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2013; página 735.

